

JOSHUA COOPER RAMO

A era do inconcebível

*Por que a atual desordem do mundo não deixa
de nos surpreender e o que podemos fazer*

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Joshua Cooper Ramo

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company (Inc.), Nova York, NY, Estados Unidos.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The age of the unthinkable — Why the new world disorder constantly surprises us and what we can do about it

Capa

Flávia Castanheira

Preparação

Cecília Ramos

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Márcia Moura

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramo, Joshua Cooper

A era do inconcebível : por que a atual desordem do mundo não deixa de nos surpreender e o que podemos fazer / Joshua Cooper Ramo ; tradução Donaldson M. Garschagen — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The age of the unthinkable : why the new world disorder constantly surprises us and what we can do about it.

ISBN 978-85-359-1654-6

1. Estados Unidos - Política internacional - Século 20 2. Estados Unidos - Relações internacionais 3. Política militar 1. Título

10-03057

CDD-973.931

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Relações exteriores : História

973.931

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

PARTE I — O EFEITO PILHA DE AREIA	11
1. A natureza de nossa era	13
2. A velha física	32
3. A pilha de areia	54
4. A avalanche em um país	78
5. Budweiser	97
 PARTE II — SEGURANÇA PROFUNDA	 117
6. Mashup	119
7. O general e o bilionário	150
8. Os segredos da gestão do Hizbollah	190
9. Os limites da persuasão	224
10. Cavalgando o terremoto	252
11. A revolução e você	284
 Agradecimentos	 293
Fontes selecionadas	295
Índice onomástico	305

1. A natureza de nossa era

TELA DIVIDIDA

O café forte, em duas xicrinhas de borda dourada e com aquele gosto acre de chicória árabe quase queimada, já esfriou. Estamos meio em silêncio, nós dois pensando, olhando à toa para uma televisão sem som. É o começo do outono de 2008, e as notícias, mesmo na emissora a que assistimos — a Al Manar, o canal de tv do Hizbollah aqui no Líbano —, falam da crise financeira mundial. Há entre Fuad e mim uma paz resolvida no momento, a pachorra de um começo de tarde, cada um de nós se preparando para retornar a nossas atividades normais. Ele voltará, quando for embora, a seu trabalho como chefe da área de informática do Hizbollah, um grupo guerrilheiro e terrorista que é, como expressou um general israelense, “o melhor do mundo” naquilo que faz.

Fuad e eu tivemos uma longa conversa sobre o Corão, sobre as exigências de martírio, sobre o fato de ele se sentir “já morto”, apenas presente ainda no mundo e fazendo o trabalho que lhe compete antes de subir ao céu, provavelmente em algum instante definido

em Tel Aviv. Conversamos sobre seus filhos e seus irmãos e irmãs. Ele me fez perguntas sobre a China, país onde moro e que ele quer compreender melhor. Vim ver Fuad porque, em todos os meus contatos com o Hizbollah ao longo dos anos, senti-me particularmente fascinado — e intrigado — pela criatividade e capacidade de inovação de seus membros, mesmo na busca de seus objetivos inaceitáveis. A obsessão deles pela descoberta de melhores meios de combater e sobreviver sob a forte pressão dos ataques israelenses me parecia apontar para alguma coisa, mas eu nunca tinha conseguido perceber o que, precisamente, aquilo indicava. Mas tinha representado, ao menos, um momento de derrota para o Exército israelense. Em 2006, por exemplo, menos de quinhentos combatentes do Hizbollah haviam frustrado um ataque israelense com 30 mil homens, numa ofensiva que incluiu uma das mais sistemáticas campanhas aéreas na história do Oriente Médio. Para mostrar sua força, o Hizbollah fez questão de disparar, no último dia da guerra, o mesmo número de mísseis que lançara no primeiro dia.

Para tentar compreender como nossa ordem mundial está atualmente funcionando e mudando, eu sabia que precisava conhecer muito bem as ideias que Fuad defendia, por mais repulsivas que fossem. De certa forma, a paixão e a curiosidade pela inovação e por assuntos ligados à tecnologia demonstradas por combatentes como Fuad me lembravam amigos meus que haviam criado grandes empresas de internet, ou conhecidos que estavam gerenciando gigantescos fundos de *hedge*. Em geral, eles tinham mais ou menos a minha idade, na casa dos trinta ou quarenta anos. E embora eu as tivesse conhecido em meu papel de editor internacional da revista *Time*, depois que deixei o jornalismo essas pessoas tinham continuado a me interessar e fascinar, e manter contato com elas me mostrava com mais clareza como o mundo estava mudando, pois eu não me limitava a observar suas modifi-

cações e guinadas de uma distância jornalística. Eu havia notado que o instinto de mudança — uma facilidade ávida pelas ferramentas de ruptura radical — parecia particularmente intenso em minha geração. Era a geração que transformou a web em algo útil e revolucionário, montou empresas financeiras gigantescas e não passíveis de regulação, que estavam produzindo rapidamente bilhões de dólares de lucros e, ao mesmo tempo, criando trilhões de dólares de riscos. Essa era uma atitude que se podia encontrar também em muitas pessoas que eu conhecia na China e que lutavam para construir uma ordem econômica e política apesar das exigências imprevisíveis da constante inovação. A mudança está no centro da vida delas. Elas procuram essa mudança e, se ela se realiza devagar demais, aceleram-na. Essas pessoas agem com a autoestima e a coragem de quem sabe que a maré da história está do seu lado, levando-as para mais perto do sonho que mais as excite, quer isso signifique conexões rápidas e universais de dados, quer tipos inteiramente novos de governo. Para elas esse é um processo em que a desestabilização da ordem existente não só é necessária como inevitável.

Ninguém ousa traçar uma equivalência moral entre os crimes do Hizbollah e, digamos, as inovações do Google, mas tanto num caso como no outro podem-se ver os mecanismos de uma energia poderosa: o desequilíbrio de quinhentos combatentes contra 30 mil soldados ou dois estudantes refazendo toda a web num dormitório da residência universitária. Essas usinas de inovação atraem os melhores cérebros de uma geração: gênios da matemática quantitativa para fundos de *hedge*, peritos em computação para novas empresas de tecnologia, e, bem, para atividades mais sinistras. “Nosso correio eletrônico está entupido de currículos”, disse-me Fuad. “Mas é claro que algumas pessoas não têm a coragem necessária para ser incluídas numa lista de observação, mesmo que seja para servir a uma causa sagrada.”

Quando eu imaginava esses rebeldes inseridos no mesmo contexto de outros amigos meus, como membros do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, militares americanos ou executivos da IBM ou da Time Warner, percebia que não havia nenhuma possibilidade de que esses lugares conservadores pudessem um dia competir com aquela gente. Eles estavam presos, dos comandantes aos subalternos, desde os jovens até os velhos, e em todos os níveis de sua vida burocrática, numa visão do mundo obsoleta e inflexível. Como Alan Greenspan, perplexo, confessou ao Congresso em 2008, a respeito de seu próprio pensamento, apenas algumas semanas depois de Fuad e eu termos visto juntos o noticiário econômico: “Encontrei uma falha. Não sei até que ponto é significativa ou permanente. Mas fiquei muito agoniado com esse fato”. O parlamentar que o interrogava perguntou: “Em outras palavras, o senhor verificou que sua visão do mundo, sua ideologia, não estava correta. Ela não estava funcionando?”. Greenspan respondeu: “Perfeitamente. Exatamente. O senhor sabe que foi precisamente por essa razão que fiquei chocado. Porque passei quarenta anos ou mais vendo indícios bastante claros de que ela funcionava excepcionalmente bem”.

É provável que você, leitor, não precisasse ouvir isso de Greenspan para ter a impressão de que nossos líderes navegavam meio sem rumo. Como o presidente dos Estados Unidos pode declarar que uma guerra foi vencida justamente quando ela se torna mais violenta? Por que bombardeiros russos voltaram a voar ao largo da costa americana? Como foi que a China, um país com uma renda diária média de sete dólares por pessoa, conseguiu fazer com que os Estados Unidos passassem a lhe dever quase 2 trilhões de dólares em menos de uma década? Como o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, um financista quase bilionário, pode afirmar em maio

que o pior de uma crise já passou e em agosto estar lutando furiosamente para salvar o sistema financeiro mundial? Por que somos capazes de admitir que existe um imenso rol de problemas, como o aquecimento global ou a disseminação de armas nucleares — que têm de ser resolvidos agora —, e depois não fazer nenhum progresso real ou até andar para trás?

Depois que me despedi de Fuad, lembrei-me de uma conversa que tivera uma semana antes com um amigo que exerce um papel chave no sistema bancário chinês. Ele havia me explicado que fechara suas próprias instituições financeiras em 2007 a fim de evitar justamente o tipo de crise que agora assolava o mundo. Estava chocado, disse, com o fato de os Estados Unidos não terem percebido sua aproximação, não terem agido. Ele a percebera, havia *sentido* essa crise nascente. Comecei a me dar conta de uma coisa: o que o Hizbollah, a China e os meus amigos que trabalhavam em empresas como o Google tinham em comum era algo mais que apenas vontade de mudar. Você se lembra? Na ocasião do tsunami de 2004, animais na Indonésia, na Tailândia e no Sri Lanka começaram a procurar lugares mais altos bem antes da chegada das ondas que mataram 250 mil pessoas, reagindo a um instinto que lhes anuncia um cataclismo, instinto agora desaparecido de nosso psiquismo. Bem, naquela tarde com Fuad compreendi que ele e as outras pessoas com quem eu tinha conversado haviam, de alguma forma, redescoberto esse instinto, haviam-no dominado. Em cada movimento de seus teclados, de seus investimentos ou de seus atentados suicidas estava a marca de uma mudança muito maior que eles sabiam estar vindo, naquele instante, em nossa direção.

Na véspera de minha conversa com Fuad, o implacável e carismático líder do Hizbollah, Hassan Nasrallah, exultava com a notícia de que o governo dos Estados Unidos havia dito aos militares da Geórgia que deviam estudar o Hizbollah para aprender a combater os russos com mais eficácia. A Casa Branca recomendando as táticas

cas do Hizbollah como texto didático? Em vista da usina de boatos que é Beirute, era impossível saber (ou sequer ter a esperança de conferir) se essa fofoca que fazia o orgulho do Hizbollah era verdadeira. Mas, mesmo que não fosse, não *deveria* ser? Não haveria algo a aprender com Fuad, Nasrallah e seu deplorável exército de alguns milhares de homens? Seja como for, para quem estava em Beirute naquele dia de outono de 2008, vendo num canal de TV instituições financeiras tidas como indestrutíveis irem à falência e em outro canal Nasrallah comemorar seu suposto endosso por parte de Washington, pelo menos uma coisa era óbvia: tínhamos chegado, com certeza, a uma era em que o inconcebível havia se tornado, francamente, inevitável.

A CASCATA

Estamos agora no começo daquilo que pode vir a ser a mais impressionante mudança na ordem internacional em vários séculos, a maior transformação desde que a Paz de Vestfália, em 1648, impôs às nações europeias uma nova ordem soberana. Essa mudança é irresistível. É contagiosa. Ela se espalhará para todos os cantos de nossa vida, para nossos negócios, nossas contas bancárias, nossas esperanças e nossa saúde. O que confrontamos não é uma modificação ou revolução isolada, como o fim da Segunda Guerra Mundial, a derrocada da União Soviética ou uma crise financeira; é antes uma avalanche de mudanças incessantes. É uma mudança que tornará débeis e instáveis instituições que parecem inabaláveis; conferirá enorme poder a movimentos que parecem fracos. Nosso mundo não está se tornando mais estável ou mais fácil de compreender, por mais que possamos desejar que fosse assim. Estamos entrando, em suma, numa era revolucionária. E estamos fazendo isso com ideias, líderes e instituições mais adequados a um

mundo que agora está séculos atrás de nós. Por um lado, essa revolução está criando uma ruptura e uma desarticulação sem precedentes. Mas ela cria também novas fortunas, novo poder, uma revigorada esperança e uma nova ordem global. Afinal de contas, as revoluções não produzem só perdedores. Também produzem — e esse é o cerne da história que pretendo narrar aqui — todo um novo elenco de vultos históricos. Este livro não é a narrativa de nossa ruína inevitável. É um guia para que nos salvemos. O que você encontrará nas páginas seguintes pretende ser um decodificador das perplexidades do mundo atual, da magia perigosa que parece estar se manifestando em toda parte. E esse decodificador é também, assim que você compreendê-lo plenamente, um caminho para que qualquer pessoa, dos oito aos oitenta anos, comece a ver o que este mundo significa para cada um — e para você decidir o que pode fazer com relação a isso.

Lamentavelmente, quer estejam dirigindo empresas, quer ministérios do exterior ou bancos centrais, alguns dos melhores cérebros de nossa era ainda estão sob o domínio de uma forma antiga de ver e pensar. Cometem repetidos erros de julgamento sobre o mundo. De certo modo, é difícil culpá-los. Na maioria, eles cresceram numa época em que, em grande medida, a ordem global podia ser compreendida em termos mais simples, em que apenas as nações eram realmente importantes, quando era possível pensar que havia uma relação previsível entre o que se desejava e o que se obtinha. Chegaram à maturidade fazendo parte de uma tradição que acreditava que todas as crises internacionais tinham começo e, se bem administradas, fim. Eles têm em comum a convicção de que a propagação do capitalismo é uma coisa boa e inevitável, na qual a democracia e a tecnologia geram um aumento da estabilidade geral. Tal concepção constitui um consenso das elites, o bom senso convencional dos pensadores de nossa época, e está presente em toda parte, desde as salas de instituições internacionais em Gene-

bra aos gabinetes do governo britânico e aos centros de comando em Washington. Essas ideias são reprovadas em ambos os testes da boa ciência: nem preveem nem explicam nosso mundo. No entanto, um número enorme de nossos líderes é incapaz de confrontar essa dissociação. Faltam-lhes a linguagem, a criatividade e o espírito revolucionário que o momento exige. Em muitos casos, foram gravemente corrompidos pelo poder, posição e prestígio. Em outras palavras, deixamos nosso futuro sobretudo nas mãos de pessoas cuja principal característica é o fato de estarem desorientadas diante do presente.

O somatório de suas falsas concepções produziu um paradoxo trágico; as políticas destinadas a nos dar mais segurança tornam o mundo, em vez disso, mais perigoso. Por exemplo, a maior guerra da história contra o terrorismo não só não consegue eliminá-lo como cria mais terroristas perigosos. As tentativas de deter a disseminação de armas nucleares só incentivam os países a acelerar seus esforços para ter uma bomba nuclear. O capitalismo global, que pretensamente melhoraria a qualidade de vida das pessoas em todo o mundo, amplia o fosso entre os ricos e os pobres. Decisões tomadas com o intuito de impedir uma crise financeira parecem, no final das contas, garantir sua chegada. Técnicas ambientais planejadas para proteger espécies conduzem à sua extinção. Os planos de paz no Oriente Médio produzem menos paz. Estamos diante de uma longa lista de problemas semelhantes, desafios nos quais nossas melhores intenções e seus terríveis resultados coexistem numa horrenda dança de imagens invertidas. A integridade de nossos líderes e nossa capacidade de acreditar que compreendem a realidade com que nos confrontamos estão se esvaindo. Aliás, nem acreditamos mais que estejam nos dizendo a verdade a respeito dessa realidade. Por que devemos crer no que dizem sobre a guerra contra o terror, sobre a segurança de nossos alimentos, sobre a crise financeira mundial ou qualquer outra das

dezenas de questões essenciais se, repetidamente, suas políticas nos põem em perigo?

Na atual discussão sobre nossos problemas, pouca coisa aponta para a reformulação radical que nosso mundo exige. Começam a surgir agora alguns sinais de esperança e até mesmo as primeiras indicações de mudanças substanciais em políticas, mas a arquitetura básica das ideias e as teorias necessárias para respaldar esse difícil trabalho continuam extremamente modestas. Nenhum debate sobre o terrorismo, o aquecimento global, as armas de destruição em massa, o caos econômico ou outras ameaças pode fazer sentido sem uma grande estratégia, mas é justamente isso que é mais necessário hoje. Em vez disso, o rumo mais provável para nosso futuro é o mais perigoso: pequenos ajustes nas políticas atuais, mudanças mínimas em instituições que já estão desmoronando e uma inevitável e frustrante expansão de insucessos. E isso vai acontecer depressa. Uma das coisas que nossos líderes parecem não entender é a espantosa velocidade com que ocorrem essas epidemias de mudança: um banco quebra, e logo acontece o mesmo com outros cinquenta; um país fabrica uma bomba atômica, e logo uma dúzia procura imitá-lo; um computador ou uma criança é atingido por um vírus, e a rapidez com que ele se propaga é inacreditável. A imensidão dos desafios que temos hoje diante de nós, os fracassos perturbadores que provavelmente nos esperam e nossa incapacidade de lidar eficazmente com os problemas, pois utilizamos modos antigos de pensar, nos levarão seguramente a questionar muitos valores fundamentais de nossa sociedade. E até mesmo a natureza de nosso governo e de nossa democracia será questionada. Essas discussões são importantes e legítimas. Entretanto, só deveriam ocorrer sobre uma base de segurança e confiança. Hoje em dia não temos uma coisa nem outra, e essa intranquilidade fundamental pode levar a horríveis decepções. Seria ótimo vivermos numa época em que a tecnologia, o capitalismo ou a democracia

eliminassem a imprevisibilidade, em que as mudanças pudessem ser cuidadosamente mapeadas e nos preparássemos para elas utilizando uma lógica que surgiu há séculos. Esse é o mundo que muitos políticos e especialistas em política externa e financeira têm tentado nos vender.

Esse mundo, na verdade, é muito pouco parecido com o futuro que temos pela frente.

VIRTUOSES DE MOMENTOS

Este livro trata de uma nova forma de pensar. É um modo de pensar que parte da complexidade e da imprevisibilidade como suas principais considerações e produz, como resultado, uma maneira diferente e útil de ver o mundo. Essa forma de pensar explica por que desastres impensáveis ocorrem a torto e a direito e — importante! — indica o que podemos fazer com relação a eles. O principal argumento do livro não é muito complicado: numa era revolucionária, de surpresas e inovações, a pessoa tem de aprender a pensar e agir como um revolucionário. (Nas revoluções, as pessoas que não agem assim recebem um nome especial: vítimas.) Quando digo que as ideias aqui propostas são úteis é porque todas elas já estão sendo aplicadas por pessoas que estão prosperando nessa nova ordem. Esses conceitos têm sido testados, na prática, em lugares onde as consequências de ignorar as regras da nova física do poder são muitas vezes catastróficas: bancarrota, caos social e até morte. Ao passarmos dos campos de treinamento do Hizbollah no Líbano para os escritórios de investidores bilionários no Vale do Silício, ao ouvirmos um brilhante chefe de serviço secreto e um inovador dos jogos eletrônicos em Kyoto, notamos que a característica comum a todos eles é a contínua compulsão de evitar modelos do mundo construídos com a linguagem do passado.